

as primeiras quinze vidas
de harry august
claire north

Tradução de Casimiro da Piedade

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

P R E F Á C I O

D A R N O V O S F U T U R O S A O M U N D O
P A R A Q U E O M U N D O T E R M I N E T A R D E

Já vos contei do enjoo e da confusão que advêm de viajar no tempo.

H. G. WELLS, *A Máquina do Tempo*

No princípio era a palavra, as histórias contadas ao borralho, e então eis que o mundo se encheu de páginas e cenários e notas e imagens, de vidas que embora inventadas são verdade. Por graça das várias artes, temos hoje um mundo povoado de universos, realidades com gente e passados, acontecimentos revistos ou reescritos, terras impossíveis e devires que talvez se concretizem. O futuro imaginado pertence inteiro à ficção científica. E contudo tende-se ainda a imaginar este género como uma caixa pejada de Cefalópodes gigantes e naves espaciais.

Ultrapassadas as associações mais imediatistas, lá se pensa em robôs, extraterrestres, planetas transbordantes de fauna exuberante com hábitos alimentares a roçar a carnificina, mais umas quantas reminiscências das velhas narrativas *pulp* apresentadas em tecnicolor. Outra pequena dilatação e surgem também inteligências artificiais assassinas, regimes opressivos feitos para controlar cada gesto e indivíduo, maquinaria atolada de botões, painéis e hologramas, cidades metálicas com arranha-céus de lisura rebrihante ou sujos, acanhados, meras torres decrépitas enfeitadas por néons e erguidas em terras perpetuamente chuvosas. Fica-se sem dúvida com uma caixa de limites menos constrictos, mas de qualquer modo subjuga-se a ficção científica a uma meia dúzia de motivos simplistas. Zero subtileza e nada de capacidades artísticas nem desenvolvimentos estimulantes.

Malgrado a longevidade, uma vasta disseminação e décadas de debates sobre o assunto, o género onde ciência e futuro se fazem enredo mantém essa reputação parasitária de parente indesejado. Se nos meios anglo-saxónicos esta fama começa a inverter-se, fruto tanto de um público em clara expansão como de um interesse académico e crítico cada vez maior, por terras lusas retém-se a ideia de uma coisinha popularucha apreciada por uns quantos adolescentes de cultura reduzida e poucas aptidões sociais.

As caixas têm destes problemas: dividem e repartem e no fundo servem mais para excluir do que para facilitar a organização. Acentuam demasiado a diferença, dão o mote para se formarem grupos e num instante estamos todos a declarar alianças enquanto nos empenhamos a desconfiar com algum desdém de certa facção. A taxonomia artística é ademais um artifício significativamente limitado, desprovido quer da precisão quer dos benefícios concretos da sistemática classificativa dos seres vivos. Talvez devêssemos liquidá-la. Ou talvez devêssemos abandonar de vez tanto as generalizações como os estereótipos. Não existem géneros menores, só obras boas e más. Ou enunciando de outra forma, a reaproveitar o argumento de Theodore Sturgeon, noventa por cento da ficção científica é sem dúvida lixo, porém noventa por cento de tudo é lixo. E esses dez por cento restantes encantam, provocam, distendem fronteiras, incitam buscas, propulsionam questões.

O futuro chega hoje e agora.

Por graça da ficção científica entramos sem entraves no que poderá ocorrer um dia, em tipologias e arquitecturas se calhar diferentes e em hipotéticas sociedades onde variados paradigmas convergiram por simbiose de eventos históricos e técnica. Aliás, com quase tanta celeridade quanto se evocam objectos voadores pouco identificados e hipotéticos tripulantes de proporções insólitas, costuma aventar-se para a ficção científica a extraordinária faculdade de prever tecnologia futura. À semelhança de Jules Verne, cuja fama de visionário presciente advém não de espantosas fugas imaginativas mas antes de uma sopesada extrapolação da tecnologia sua contemporânea, a perspicácia da ficção científica deriva de uma observação da actualidade tão apurada quanto cuidada e que implica ponderar ciência, política e as consequências de ambas conjugadas, transformando depois esse pensar em narrativa, em situações que desencadeiem outras reflexões.

Aventura e filosofia conciliadas em diferentes doses e proporções. O presente ali ao virar da esquina. Nós a caminhar por possíveis ainda não acontecidos. O grande fascínio da ficção científica reside precisamente aqui. Mesmo quando os feitos descritos parecem advir mais da falta de conhecimento científico do que do seu excesso ou quando, como postulado pela terceira lei de Arthur C. Clarke, a tecnologia está tão avançada que se torna indiscernível da magia, algo muito frequente nos últimos anos mal se convoca a nanotecnologia para a história, ainda assim conserva-se esta impressão de realidade potencial. Os futuros que a ficção científica tece viciam-nos, prendem-nos, ficam a levedar-nos no raciocínio. Umhas poucas imagens, algumas palavras sugestivas, e às vezes há logo aí o início de uma descoberta.

Lembro-me de andar em miúda pela Feira do Livro a cobiçar as escolhas dos meus pais, em especial os volumes de páginas fininhas e capa azul adquiridos na banca da Editorial Caminho. Via-os a circular pela casa o ano inteiro, ouvia-os em conversas e elogios e queria absolutamente escorregar ali para dentro. Que me achassem muito nova para semelhantes enredos deixava-me fervente de curiosidade.

Aos sete ou oito anos surripiei o *Memórias encontradas numa banheira* (1961) de Stanislaw Lem, instigada mais por uma vaga ideia romântica de ler livros às escondidas do que por alguma proibição efectiva. Não retive qualquer frase e sei que desisti em pouco tempo da aventura. Adiei-a para leituras vindouras, resignada à ideia de que porventura aquilo da ficção científica ainda não era de facto para mim. No futuro, portanto. E nessa altura leria também *A nebulosa de Andrómeda* (1957), a obra de Iván Efrémov que a minha mãe afirmava estar guardadinha à minha espera.

Não a li. Vieram outros livros, novas sugestões que por qualquer motivo ganharam precedente. Um dia será. Em todo o caso, saia ou não desiludida da leitura, devo-lhe uma certa gratidão. Contribuiu muito para a aura que durante a infância montei em torno da ficção científica, convertendo-a num mistério pleno de promessas espicaçado pelo tema dos *Ficheiros Secretos*, essas seis notas que fui reproduzindo ao piano e que volta e meia me punham a cirandar pela sala numa tentativa pouco dissimulada de espreitar o episódio que o meu pai e a minha irmã viam com afinco.

A ficção científica serve-me desde então de pequena delícia, quase

de jogo e desafio. Onde a fantasia tem o dom encantatório do maravilhoso e do onírico, às vezes até do pesadelo, a ficção científica tem o da descoberta inventiva e criadora, o do raciocínio lógico aplicado a uma multiplicidade de aspectos. Trate-se de um livro, de um filme, ou de uma série televisiva, gosto das ideias provocantes, das noções que ficam a inquietar o pensamento, a perguntar poderia ou não suceder, quais são as bases, os fundamentos, e se isto acontecesse como ficaria o mundo, o que mudaríamos, como mudaríamos. Há uma potencial panóplia de debates gerados a partir de uma obra deste género e dos efeitos práticos e éticos das premissas que apresenta. Convoque-se alguém para a conversa, partilhe-se determinado livro, siga-se uma série acompanhado de fulano ou sicrano, vá-se ao cinema com os amigos, e depressa se inicia uma actividade comunitária tornada mais estimulante pela variedade de intervenientes e posturas. Além disso as interrogações conduzem a pesquisas, a livros e filmes e quadros e teorias e a uma infinidade de caminhos. Alguma sorte, um pouco de enredo certo na altura correcta para a pessoa certa, e gera-se inclusive uma paixão por ciência e conhecimento.

Carecemos desta vertente de usar a ciência como heroína ou apenas mais-valia, sem andar alegremente a vilipendia-la enquanto criadora exclusiva e irreflectida de monstruosidades ou mera ferramenta predilecta de indivíduos megalómanos que colocam sempre a humanidade na bermã do precipício. Tamanho apego à latência catastrófica e nefasta da ciência adequa-se mais às narrativas do século XIX sobre cientistas loucos que tentam usurpar o lugar divino do que ao desenvolvimento do século XXI onde os prodígios da biologia, da química, da física e da matemática nos rodeiam dia a dia de contínuos benefícios. O que auxilia a distopia também a combate, desmonta-a, e segue mesmo na direcção oposta.

De uma infância em ânsias por ferrar os olhos nisso da ficção científica, desemboquei com alguma surpresa numa juventude a investigar utopias, o seu subgénero mais generalizado e com melhor aceitação por parte do grande público, efeito quer da reputada tríade formada por *Admirável mundo novo* (Aldous Huxley, 1932), *1984* (George Orwell, 1949) e *Fahrenheit 451* (Ray Bradbury, 1953), quer de uma frequência crescente no cinema e de um uso assíduo por diversos escritores, alguns assinantes de fenómenos comerciais significativos, alguns louvados pela crítica.

De facto, nessas disputas anquilosadas sobre as virtudes inatas do

género ou a falta delas, recorre-se amiúde à distopia de Margaret Atwood *A História de uma Serva* (1985) para demonstrar que a ficção científica consegue produzir obras de elevada literacia. Podiam escolher-se outros livros. Podia, por exemplo, falar-se do *Matadouro Cinco* (1969) de Kurt Vonnegut, mais próximo das viagens no tempo que propulsionam este *As primeiras quinze vidas de Harry August*.

Séculos antes de H. G. Wells engendrar *A Máquina do Tempo* (1895), uma viagem temporal a revelar um futuro distópico, já a humanidade imaginava regressar ao passado ou espreitar o futuro por meio de um qualquer transporte mágico ou através das visões dos oráculos. Os dois pólos opostos das viagens no tempo cativam de tal modo a imaginação e o desejo que poucos autores do género resistem ao deslumbre. A maioria cai num vórtice de linhas temporais sobrepostas, contradições e paradoxos tão entranhados que ponderar o assunto por mais de breves instantes resulta num invariável nó mental e numa sobrecarga do sistema. Como se explica num dos muitos debates de *As primeiras quinze vidas de Harry August*:

(...) cem gerações mais tarde, o nosso bravo viajante dá por si desprovido de existência porque a sua antepassada foi apanhada com o filho do talhante e, por isso, ao não existir, já não pode regressar ao passado e impedir o seu próprio nascimento assustando um pardal, e portanto nasce, pelo que já pode regressar ao passado e... Será que devemos introduzir Deus a esta altura? (página 127)

Harry August vai evitando confusões desta ordem por viajar no tempo de maneira algo peculiar: ao morrer volta ao dia do nascimento e cresce e vive de novo na mesma época até morrer mais uma vez e repetir todo o processo. Contudo, embora Harry se esforce por não comprometer o futuro nem o influenciar, talvez existam outros com capacidades semelhantes e menor contenção. O mundo está a chegar ao fim demasiado depressa. Harry sabe-o, avisaram-no, o próximo passo pertence-lhe.

Claire North, ou antes Catherine Webb sob o pseudónimo de Claire North, maneja os meandros da ficção científica e das viagens no tempo entrelaçando-os com as características de um romance histórico situado entre o início e o término do século xx e onde a ciência figura de

variadas formas não redutoras. Pelas próximas páginas vogam motivos originários de muitos géneros, técnicas comuns em obras bem diversas, e existem perguntas, dúvidas, inquietações. Nem todas se resolvem. Ficam para as analisarmos, para as dissecarmos sozinhos ou em conversas com amigos, familiares, gente mais ou menos conhecida que se reúne em argumentações geradas numa qualquer rede social.

Terminada a décima quinta vida de Harry August, estaremos de pensamento invadido por passado e futuro, um outro futuro talvez possível. Como Harry, decidido a travar o cataclismo iminente, revisitaremos o passado e o presente movidos pela ideia da aproximação de um devir instável. Os hipotéticos futuros que a ficção científica dá ao mundo causam às vezes destas turbulências e, ao alertarem para equilíbrios tremulos, dão-nos vontade de mudança, de engenhos e atitudes que adiem o fim por vários séculos.

Boa viagem.

Inês Botelho

INTRODUÇÃO

E screvo isto para ti.
Meu inimigo.
Meu amigo.
Sabes já, com certeza que saberás.
Perdeste.

I

O segundo cataclismo teve início durante a minha décima primeira vida, em 1996. Estava a morrer como de costume, envolto numa bruma morna de morfina, até ser interrompido por ela, como se me tivessem passado um cubo de gelo pela espinha.

Ela tinha sete anos, eu tinha setenta e oito. Atava o seu longo cabelo loiro e liso num rabo-de-cavalo que lhe caía pelas costas; eu tinha o meu, ou o que restava dele, de um branco reluzente. Vestia uma bata de hospital, concebida para nos reduzir a uma humildade estéril; ela vestia um uniforme escolar de cor azul viva e trazia um boné de feltro. Sentada na berma da cama, com os pés a balançar de um lado para o outro, olhava directamente para mim. Examinava atentamente o monitor cardíaco que estava ligado ao meu peito, observando o ponto em que eu tinha desligado o alarme. Palpando-me o pulso, disse-me:

— Quase senti a sua falta, Dr. August.

O seu alemão era típico das classes abastadas de Berlim, mas poderia ter-se dirigido a mim em qualquer língua do planeta e continuaria a parecer respeitável. Coçou a barriga da perna esquerda, no sítio em que as meias brancas e até ao joelho, ensopadas da chuva, começavam a causar-lhe comichão.

— Preciso de enviar uma mensagem para o passado — disse, enquanto continuava a coçar-se. — Isto é, se o tempo ainda for algo importante neste caso. Dado que está tão convenientemente a morrer, pedia-lhe que a passasse aos seus Clubes de origem, tal como ela me foi passada a mim.

Tentei falar, mas as palavras atropelaram-se-me na língua, e não disse nada.

— O mundo está a chegar ao fim — disse ela. — A mensagem foi sendo passada de crianças para adultos, de crianças para adultos, passada de geração em geração desde há mil anos no futuro. O mundo

está a chegar ao fim e não podemos fazer nada para o impedir. Por isso, agora é consigo.

Senti que o único idioma que os meus lábios conseguiam deixar passar de forma coerente era o tailandês, e que a única palavra que eu parecia ser capaz de formar era: *porquê?*

Note-se: não “*porque* estava o mundo a acabar”, mas “*porque* tinha aquilo importância”?

Ela sorriu, e entendeu o significado da pergunta sem precisar de explicações. Inclinou-se na minha direcção e murmurou ao meu ouvido:

— O mundo está a chegar ao fim, tal como tem de ser. Mas o fim do mundo está a aproximar-se cada vez mais rapidamente.

Foi esse o princípio do fim.



Comecemos do princípio. O Clube, o cataclismo, a minha décima primeira vida e as mortes que se lhe seguiram — nenhuma delas em paz —, nada disso tem qualquer sentido, tudo não passará de um clarão de violência que eclode e se dissipa prontamente, de retribuição sem causa, se não se souber onde tudo começou.

Chamo-me Harry August.

O meu pai chama-se Rory Edmond Hulne e a minha mãe Elizabeth Leadmill, ainda que eu tenha sabido disto apenas muito mais tarde, durante a minha terceira vida.

Não tenho a certeza sobre se o meu pai violou ou não a minha mãe. Os tribunais teriam alguma dificuldade em julgar o caso; o júri poderia ser facilmente influenciado, para um lado ou para o outro, por uma testemunha mais sabida. Sei que ela não gritou, não resistiu, não disse sequer “não” quando ele a abordou na cozinha na noite em que fui concebido e em que, durante vinte e cinco inglórios minutos de paixão — assumindo que a ira, o ciúme e a raiva correspondem a tipos distintos de paixão —, ele se vingou da infidelidade da esposa com a empregada da cozinha. Vistas as coisas desta forma, a minha mãe não foi forçada, mas tendo em conta que não teria mais de vinte anos, que vivia e trabalhava em casa do meu pai e que o seu futuro dependia do dinheiro e da boa vontade dele e da sua família, teria de argumentar que ela não teve qualquer hipótese de resistir, pois a situação em que se encontrava era tão persuasiva como qualquer lâmina que lhe tivesse sido encostada à garganta.

Quando a gravidez da minha mãe começou a notar-se, o meu pai regressou ao serviço em França, onde permaneceria durante o resto da Primeira Guerra Mundial como um medíocre major nos Scots Guards.

Num conflito em que regimentos inteiros podiam ser eliminados num só dia, ser-se medíocre era um atributo deveras invejável. Coube, portanto, à minha avó paterna, Constance Hulne, a tarefa de expulsar a minha mãe de sua casa sem uma única referência, no Outono de 1918. O homem que seria o meu pai adoptivo — e, apesar disso, um pai mais genuíno para mim do que qualquer ligação biológica teria permitido — levou a minha mãe ao mercado local na sua charrete e deixou-a lá com alguns cêntimos na bolsa e a recomendação de que procurasse a ajuda de outras mulheres do campo com o mesmo problema. Um sobrinho dela chamado Alastair, que partilhava apenas um oitavo da herança genética da minha mãe mas cuja fortuna mais do que compensava esse défice de parentesco, deu-lhe trabalho na sua fábrica de papel. Contudo, como a barriga ia crescendo e ela ia sendo cada vez menos capaz de cumprir as suas funções, foi discretamente despedida por um jovem funcionário subalterno. Desesperada, escreveu ao meu pai biológico, mas a carta foi interceptada pela minha astuta avó, que a destruiu antes que ele pudesse ler o apelo da minha mãe, e assim, na véspera de Ano Novo de 1918, ela gastou os seus últimos cêntimos e apanhou o comboio regional na estação de Waverley em Edimburgo até Newcastle, e, a uns dezasseis quilómetros a norte de Berwick-upon-Tweed, entrou em trabalho de parto.

Um sindicalista que dava pelo nome de Douglas Crannich e a sua mulher Prudence foram as únicas testemunhas presentes ao meu nascimento, na casa de banho das senhoras da estação ferroviária. Foi-me dito que o chefe da estação se postou em frente à porta da casa de banho para impedir qualquer mulher incauta de entrar, com as mãos cruzadas atrás das costas e o chapéu coberto de neve puxado para a frente dos olhos, de uma forma que sempre imaginei algo sombria e maligna. Não havia nenhum médico na enfermaria àquela hora tardia e naquele dia festivo, e o médico mais próximo levaria três horas a chegar. Seria tarde de mais. O sangue coagulado estava já a cristalizar-se no chão, e Prudence Crannich segurava-me nos seus braços quando ele chegou. A minha mãe estava morta. Conheço apenas o relato de Douglas sobre as circunstâncias do seu falecimento, mas acredito que a morte se deveu a uma hemorragia. Enterraram-na junto a uma placa com a seguinte inscrição: *“Lisa, m. 1 de Janeiro de 1919 — que os Anjos a Guiem em Direcção à Luz”*. Quando o agente

funerário lhe perguntou o que devia ser inscrito na pedra, a senhora Crannich apercebeu-se de que não sabia sequer o nome completo da minha mãe.

Seguiu-se um debate sobre o que fazer comigo, a criança subitamente órfã. Creio que a senhora Crannich esteve quase tentada a ficar comigo, mas a situação financeira e outras considerações de ordem prática fizeram com que se abstinésse de o fazer, assim como a crua e literal interpretação da lei por parte de Douglas Crannich e o seu entendimento pessoal do que era correcto fazer. Segundo ele, a criança tinha um pai, e o pai tinha o direito a ficar com ela. A discussão ter-se-ia prolongado, não fosse o facto de a minha mãe ter, entre os seus pertences, o endereço do meu — em breve — pai adoptivo, Patrick August, possivelmente com a intenção de lhe pedir que intercedesse por ela junto do meu pai biológico, Rory Hulne. Procurou-se saber se este tal Patrick poderia ser o meu pai, o que causou uma enorme comoção na aldeia, pois Patrick, ainda que não tivesse filhos, estava casado há muito tempo com a minha mãe adoptiva, Harriet August, e um casamento sem filhos numa aldeia remota, em que a simples ideia de usar preservativo foi considerada tabu até à década de 1970, sempre fora motivo de discussões apaixonadas. O assunto era de tal forma chocante que rapidamente chegou à herdade dos Hulne, onde viviam a minha avó Constance, as minhas duas tias, Victoria e Alexandra, o meu primo Clement e Lydia, a infeliz esposa do meu pai. Acredito que a minha avó se tenha apercebido imediatamente de quem era essa criança e quais as circunstâncias da sua situação, mas recusou assumir qualquer responsabilidade por mim. Assim que a identidade da minha mãe se soube, foi Alexandra, a minha tia mais nova, que revelou a presença de espírito e a compaixão que pareciam faltar aos outros membros da sua família, contactando Patrick e Harriet August com uma oferta: se eles adoptassem o bebé, e o educassem como filho deles, com todos os papéis legais formalmente assinados e na presença da família Hulne, para calar quaisquer rumores de uma relação ilegítima — pois não havia ali autoridade superior à dos Hulne —, ela responsabilizar-se-ia pessoalmente pelo pagamento mensal de um valor pecuniário para os compensar e os ajudar na educação da criança, e garantiria que, à medida que fosse crescendo, esta tivesse algumas oportunidades,

não em demasia, claro, mas melhores do que o miserável destino que cabia a um bastardo.

Patrick e Harriet pensaram no assunto e aceitaram. Fui criado como seu filho, como Harry August, e foi apenas durante a minha segunda vida que comecei a perceber de onde vinha e o que era.



Diz-se que há três fases da vida para aqueles de nós que vivem a vida em ciclos. São elas a rejeição, a exploração e a aceitação. Como categorias, são algo fluídas e compõem-se de muitas e distintas camadas. A rejeição, por exemplo, pode ser subdividida em várias reacções-tipo: o suicídio, o desânimo, a loucura, a histeria, o isolamento e a autodestruição. Como quase todos os kalachakras, passei pela maioria delas durante as minhas primeiras vidas, e a sua memória permanece comigo como um vírus que ainda se contorce na parede do meu estômago.

No que me tocou, a transição para a aceitação foi razoavelmente difícil.

A minha primeira vida foi bastante banal. Como todos os jovens, fui chamado a lutar na Segunda Guerra Mundial, onde não passei de um medíocre soldado de infantaria. Se o meu contributo de guerra foi parco, a minha vida depois do conflito pouco contribuiu para criar uma sensação de verdadeiro significado. Voltei à herdade dos Hulne para substituir Patrick na manutenção dos terrenos em torno da mansão. Como o meu pai adoptivo, fora educado a gostar da terra, do seu cheiro depois da chuva e da súbita efervescência no ar quando todas as sementes de carqueja eram lançadas de uma só vez, e, se me sentia de alguma forma isolado do resto da sociedade, sentia-o como um filho único sentiria a falta de um irmão: uma ideia de solidão sem a correspondente experiência que a tornasse real.

Quando Patrick morreu, a minha posição ficou assente, ainda que, por então, a riqueza dos Hulne há muito se tivesse extinguido graças ao desperdício e à inércia. Em 1964 a propriedade foi comprada pelo National Trust, e eu com ela, pelo que passei os meus últimos anos a orientar passeantes de acaso através das charnechas bravias que cercavam a casa e a ver como as paredes desta se afundavam lentamente na lama escura.

Morri em 1989, por altura da queda do Muro de Berlim, sozinho num hospital em Newcastle, divorciado e sem filhos, com uma pensão do Estado e, mesmo no leito de morte, acreditando ser o filho dos há muito falecidos Patrick e Harriet August, até acabar por perecer da doença que tem sido a perdição das minhas vidas: mieloma múltiplo, que se espalha pelo corpo até que este deixa pura e simplesmente de funcionar.

Como é óbvio, a minha reacção a nascer de novo precisamente onde tinha começado — na casa de banho das senhoras da estação de Berwick-upon-Tweed, no dia de Ano Novo de 1919 — e com todas as memórias da vida que tinha acabado de viver, induziu em mim uma espécie de loucura. Com todas as faculdades da consciência adulta num corpo de criança, comecei por cair num estado de confusão, a seguir de agonia, depois de dúvida, seguida de desespero e de gritos lancinantes, depois de guinchos e, por fim, já com sete anos de idade, acabei por ser internado no Hospício dos Infelizes de St. Margot, onde francamente achava que devia estar. Seis meses depois da minha admissão, consegui atirar-me de uma janela do terceiro andar.

Pensando melhor no assunto, apercebo-me de que a altura de três andares não é normalmente a suficiente para garantir o tipo de morte rápida e relativamente indolor que aquela circunstância exigia, e podia até ter partido todos os ossos do meu corpo e ainda assim mantido a consciência intacta. Felizmente caí de cabeça e a coisa ficou arrumada.



Há um momento em que a charneca ganha vida. Adorava que pudesses vê-lo, mas, sempre que estive contigo a caminhar pelos campos, essas preciosas e escassas horas de revelação iludiram-nos. Em vez disso, os céus eram do mesmo cinzento das pedras, ou as secas tinham transformado a terra num tapete de espinhos castanhos e poeirentos, ou então certa vez nevara tanto que a porta da cozinha ficou bloqueada e eu tive de sair pela janela e abrir às pazadas um trilho para sairmos, e numa caminhada em 1949 choveu ininterruptamente, durante cinco dias se não estou em erro. Nunca a viste naquelas poucas horas depois da chuva, quando tudo é púrpura e amarelo e cheira a terra preta e rica.

A tua dedução, feita no início da nossa amizade, de que eu tinha nascido no Norte de Inglaterra, apesar de todas as minhas pretensões e dos maneirismos adquiridos ao longo de muitas vidas, estava absolutamente correcta, e o meu pai adoptivo, Patrick August, nunca me deixou esquecer esse facto. Ele era o responsável pelo cuidado das terras da herdade dos Hulne, e tinha-o sido desde que se lembrava. Também o seu pai o fora, e o pai deste, remontando até 1834, quando a recentemente enriquecida família dos Hulne comprara os terrenos para materializar o seu sonho e o seu ideal de classe dominante. Plantaram árvores, abriram estradas através das charnecas, construíram ridículas torres e arcadas, autênticas loucuras, que, por altura do meu nascimento, estavam já em declínio e cobertas de musgo. Nos terrenos baldios que cercavam a propriedade, repletos de dentes de rocha saindo de gengivas lamacentas de terra, os Hulne não punham os pés. As gerações anteriores e mais enérgicas da família tinham criado ovelhas, ou talvez fosse melhor dizer que as suas ovelhas se tinham criado a elas mesmas, nos vales para além das muralhas de pedras, mas o século vinte não tinha sido meigo com a fortuna dos Hulne, e agora a terra, apesar de ainda lhes

pertencer, permanecia inculta e abandonada — o sítio perfeito para um rapaz correr livremente enquanto os pais se ocupavam nas suas tarefas. Curiosamente, ao viver de novo a minha infância, fui ficando cada vez menos aventureiro. Buracos e penhascos, sobre os quais tinha saltado e que tinha escalado na minha primeira vida, apareciam subitamente no meu cérebro mais amadurecido e conservador como locais perigosos, e usei o meu corpo de criança como uma velha usaria um minúsculo biquíni que um amigo menos sensato lhe tivesse comprado.

Tendo fracassado tão espectacularmente na missão de acabar o ciclo dos meus dias com um suicídio, resolvi, na minha terceira vida, procurar as respostas que me pareciam tão inalcançáveis. O facto de as nossas memórias regressarem a nós lentamente durante a infância é, creio, uma pequena compensação. Assim, a recordação de me ter lançado para a morte chegou como se fosse um ligeiro resfriado, sem qualquer efeito de surpresa, uma mera aceitação de que aquilo tinha sido e servido para nada.

A minha primeira vida, ainda que desprovida de qualquer sentido de propósito, foi de certa forma feliz, se aceitarmos que a ignorância pode equivaler à felicidade e a solidão é apenas o que nos separa dos cuidados de alguém. Mas a minha nova vida, trazendo consigo o conhecimento de tudo o que antes eu tinha vivido, não poderia ser passada da mesma maneira. Não se tratava apenas da consciência do que o futuro me reservava, mas de uma nova percepção das verdades que me rodeavam, as quais, tendo sido criado em função delas durante a minha primeira vida, jamais pusera em questão. De novo um rapaz e, pelo menos temporariamente, em posse de todas as minhas faculdades de adulto, apercebi-me das verdades que tantas vezes são encenadas em frente aos olhos das crianças com a crença de que elas não as conseguem entender. Acredito que o meu pai e a minha mãe adoptivos acabaram por me amar — ela muito antes dele — mas para Patrick August só fui carne da sua carne depois da morte da minha mãe adoptiva.

Há um estudo médico sobre este fenómeno, mas a minha mãe adoptiva nunca morre exactamente no mesmo dia em cada uma das minhas vidas. A causa — exceptuando a intervenção violenta de factores externos — é sempre a mesma. Perto do meu sexto aniversário, ela começa a tossir e, chegando ao meu sétimo aniversário, começa a tossir sangue. Os meus pais não têm dinheiro para pagar um médico, mas a minha tia

Alexandra acaba por lhes dar o dinheiro que permite à minha mãe ir ao hospital em Newcastle e receber o diagnóstico de cancro nos pulmões. (Creio tratar-se de carcinomas de não-pequenas células, confinados de início ao pulmão esquerdo, algo perfeitamente tratável uns meros quarenta anos depois do diagnóstico da minha mãe mas, naquele tempo, absolutamente para além dos limites da ciência.) Receitam-lhe tabaco e láudano e a morte advém rapidamente em 1927. Quando ela morre, o meu pai deixa de falar e começa a caminhar pelos montes, e chegam a passar dias antes de alguém o ver de volta. Cuido de mim mesmo de maneira perfeitamente competente e agora, esperando já a morte da minha mãe, armazeno alguma comida para me manter durante as longas ausências do meu pai. Quando regressa, permanece silencioso e distante, e o facto de não reagir às minhas tentativas de aproximação com raiva deve-se mais a um estado geral de apatia. Na minha primeira vida não compreendi a sua dor e a maneira como a manifestava, porque também eu sofria a dor muda de uma criança que precisava da ajuda que ele não estava a dar. Na minha segunda vida, a morte da minha mãe acontecera enquanto eu ainda estava no hospício, demasiado focado na minha própria loucura para conseguir processar esse facto, mas, na minha terceira, ela foi como um comboio que viesse lentamente ao encontro de um homem amarrado à linha: inevitável, imparável, vista como se ao longe, na noite, sendo para mim a imaginação da coisa muito pior do que o acontecimento em si. Sabia o que estava para acontecer pelo que, quando aconteceu, senti um alívio pelo final da longa expectativa, o que reduziu o impacto do acontecimento.

Na minha terceira vida, a morte iminente da minha mãe também me permitiu manter-me ocupado. Impedir essa morte, ou pelo menos torná-la menos insuportável, transformou-se numa profunda preocupação. Como não tinha qualquer explicação para a minha situação, a não ser a de que talvez um deus do Velho Testamento me tivesse lançado uma praga, acreditei piamente que se praticasse actos de caridade ou tentasse influenciar o rumo dos acontecimentos mais importantes da minha vida, talvez conseguisse quebrar este ciclo de morte-vida-morte no qual tinha caído. Não tendo cometido quaisquer crimes que exigissem uma expiação, e sem grandes eventos na minha vida que tivesse de remediar, dediquei-me com todas as energias ao bem-estar de Harriet, a minha primeira e mais óbvia cruzada,

na qual embarquei com toda a sagesa de que a minha mente de cinco anos (quase a chegar aos noventa e sete) era capaz.

Usei esses cuidados como uma desculpa para evitar o tédio da escola, e o meu pai estava preocupado de mais para poder ver o que se passava. Tomei conta dela e fiquei a saber, como nunca antes o fizera, como vivia a minha mãe quando o meu pai se ausentava. Poderemos dizer que foi uma oportunidade de conhecer, como adulto, uma mulher que eu tinha conhecido apenas brevemente enquanto criança. Foi assim que comecei a desconfiar que não era realmente filho do meu pai.

A família Hulne em peso compareceu ao funeral da minha mãe adoptiva, quando esta acabou por falecer durante a minha terceira vida. O meu pai proferiu algumas palavras, muito poucas, e eu fiquei a seu lado, um rapazito de sete anos com umas calças e um casaco emprestados por Clement Hulne, o meu primo de dez anos que, na minha vida anterior, tinha tentado arrelhar-me sempre que se lembrava de que eu estava ali e à mão para ser incomodado. Constance Hulne, apoiando-se com dificuldade numa bengala cuja pega em marfim tinha a forma de uma cabeça de elefante, falou brevemente sobre a lealdade e a força de Harriet e sobre a família que esta deixava para trás. Alexandra Hulne disse-me para ter coragem e Victoria Hulne inclinou-se para mim e beliscou-me as faces, induzindo em mim uma estranha ânsia infantil de lhe morder os dedos cobertos pela luva preta que tinham violado o meu rosto. Rory Hulne não disse nada e ficou a olhar para mim. Já o tinha feito antes, na primeira vez em que eu ali estivera, de roupas emprestadas, a enterrar a minha mãe, mas, consumido como estava por uma dor que não sabia como expressar, não soubera interpretar a intensidade do seu olhar. Desta feita os meus olhos cruzaram-se com os dele e pela primeira vez pude vê-los como se estivesse a olhar para um espelho, a ver aquilo em que me tornaria.

Não me conheceste em todas as fases da minha vida, por isso deixa que tas descreva.

Nasci com o cabelo quase avermelhado, que, com o tempo, costuma passar ao que bondosamente se chama de ruivo e que é, na verdade, mais parecido com a cor da cenoura. A cor do meu cabelo vem-me da família da minha mãe biológica, tal como uma predisposição genética para bons dentes e hipermetropia. Sou uma criança pequena, um pouco mais baixa do que a média, e magra, ainda que isso se deva tanto à má alimentação

quanto à inclinação genética. Quando tenho onze anos, dá-se um crescimento súbito, que continua até aos quinze, idade em que, graças a Deus, consigo fingir que sou um rapaz de dezoito anos que parece ser mais novo e, dessa forma, saltar três anos em frente na entediante caminhada até à maioridade.

Quando era jovem, costumava usar uma barba de aspecto pouco cuidado, tal como o meu pai adoptivo, Patrick: não me ficava bem e dava a impressão de um conjunto de órgãos sensoriais presos num arbusto de framboesas. Quando isto me foi revelado, comecei a barbear-me com regularidade e, ao fazê-lo, revelei o rosto do meu pai biológico. Partilhamos os mesmos olhos cinzentos pálidos, as mesmas orelhas pequenas, o cabelo ligeiramente encaracolado e um nariz que, a par de uma tendência para a doença óssea na velhice, é bem capaz de ser a menos desejável herança genética de todas. Não é que o meu nariz seja particularmente largo, porque não o é, mas é claramente arrebicado, de uma forma que não seria despropositada no rei dos duendes, e, em vez de se destacar angularmente do meu rosto, parece estar fundido neste como se tivesse sido feito de barro e não osso. As pessoas são, em geral, demasiado bondosas comigo e abstêm-se de fazer quaisquer comentários, mas a simples visão dele já levou às lágrimas honestos produtos de linhas genéticas mais perfeitas. Quando envelheço, todo o meu cabelo fica branco, no que parece ser um acontecimento súbito, algo que, devido ao *stress*, pode acontecer até mais cedo. Aos cinquenta e um anos começo a precisar de óculos de leitura. Por infelicidade, atinjo os cinquenta na década de 1970, uma péssima década na moda, mas, como quase toda a gente, regresso à moda com a qual me senti mais confortável na juventude e escolho óculos de desenho mais modesto e antiquado. Ao olhar-me ao espelho da casa de banho, pareço um professor universitário na reforma, com os óculos postos em frente dos meus olhos demasiado próximos um do outro, um rosto ao qual, à terceira vez em que enterrámos Harriet, eu tivera já quase cem anos para me habituar. É o mesmo rosto de Rory Edmond Hulne, que me observava do outro lado do caixão onde repousava a mulher que não podia ter sido a minha mãe.

S

Quando começa a Segunda Guerra Mundial, estou ainda em boa idade para ser alistado, mas mesmo assim, durante as minhas primeiras vidas, consigo evitar os dramáticos momentos de conflito sobre os quais leria mais tarde, no conforto da década de 1980. Na minha primeira vida, alistei-me de livre vontade, acreditando genuinamente nas três grandes falácias daqueles anos: que a guerra seria breve, que a guerra seria patriótica e que a guerra me permitiria melhorar as minhas habilitações. Um atraso de quatro dias fez com que perdesse o embarque para França, e senti-me profundamente desapontado por não ter sido evacuado de Dunquerque, que por então fora vista como uma derrota altamente vitoriosa. O meu primeiro ano de guerra pareceu ser passado continuamente em exercícios, primeiro nas praias, quando a nação — e eu com ela — esperava por uma invasão que nunca chegou, e depois nas montanhas da Escócia, quando o governo começou a equacionar a hipótese de uma retribuição. Passei tanto tempo a treinar para uma invasão da Noruega que, quando finalmente foi decidido que aquele treino era inútil, eu e o meu batalhão fomos considerados de tal forma inaptos para a guerra no deserto que não nos deixaram embarcar para o Mediterrâneo até que recebêssemos outro tipo de treino ou aparecesse algo onde pudéssemos ser úteis. Desta forma, pode dizer-se que atingi um dos meus objectivos: sem que ninguém parecesse querer ver-nos a lutar, dei por mim sem mais nada para fazer além de estudar e aprender. Um dos médicos na nossa unidade era um objector de consciência que tinha encontrado a via para esta nas obras de Engels e na poesia de Wilfred Owen, e todos, eu incluído, o achavam um betinho pusilânime até ao dia em que ele enfrentou o sargento, que tinha abusado do seu poder durante muito tempo, e, em frente de todos os soldados, o acusou de não passar de uma versão patética e perversa de um rufião de escola. O nome desse médico era Valkeith, e essa explosão valeu-lhe três dias

de detenção e o respeito de todos. O seu conhecimento, que antes era fonte de ridículo, tornou-se num motivo de orgulho, e apesar de ainda ser visto como um betinho pusilânime, agora era o *nosso* betinho pusilânime, e através dele comecei a aprender alguns dos mistérios da ciência, da filosofia e da poesia romântica, aos quais era completamente alheio até aí. Morreu três minutos e cinquenta segundos depois de termos desembarcado nas praias da Normandia, com o estômago aberto por um estilhaço. Foi o único da nossa unidade que morreu nesse dia, pois estávamos longe do centro da acção e o atirador que disparou o tiro fatal foi abatido dois minutos depois.

Na minha primeira vida matei três homens. Matei-os todos de uma vez, estavam juntos dentro de um tanque que retirava de uma vila no Norte de França. Tinham-nos dito que a vila já tinha sido libertada, que não haveria qualquer resistência, mas ele ali estava, pousado entre a padaria e a igreja como uma mosca-varejeira numa fatia de melão. Estávamos tão relaxados que nem demos por ele até que o canhão do tanque rodou na nossa direcção, como o olho de um crocodilo lamentoso, e da sua boca jorrou o projectil que matou dois do nosso grupo logo ali, e o jovem Tommy Kenah três dias mais tarde numa cama de hospital. Lembro-me das minhas acções nesses momentos com a mesma claridade com que recordo tudo o resto, e foram estas: deixar cair a espingarda, desapertar a mochila e correr pelo meio da rua abaixo, sem nunca parar de gritar, sempre a gritar contra o tanque que tinha acabado de matar os meus amigos. Não tinha apertado bem o meu capacete e este caiu ao chão a uns nove metros da parte da frente do tanque. Conseguia ouvir os movimentos de homens dentro daquele monstro à medida que me aproximava, conseguia ver rostos através das fendas na armadura enquanto eles tentavam rodar o canhão na minha direcção ou controlar as metralhadoras, mas eu antecipei-me. O canhão estava ainda quente — mesmo a uns trinta centímetros de distância conseguia sentir o seu calor no meu rosto. Atirei uma granada pela escotilha aberta da parte frontal. Conseguia ouvi-los gritar, numa azáfama caótica, tentando pegar nela, mas o espaço confinado do tanque tornava os seus esforços inúteis. Lembro-me das minhas acções, mas não dos meus pensamentos. Mais tarde o capitão disse que o tanque devia ter-se perdido: os outros tinham virado à esquerda e eles tinham virado à direita, e foi por isso que três do nosso grupo acabaram mortos e eles tinham também sido mortos.

Deram-me uma medalha, que vendi em 1961 quando precisei de comprar uma nova caldeira, e senti um grande alívio quando me vi livre dela.

Essa foi a minha primeira guerra. Não me ofereci como voluntário para a minha segunda. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria chamado a combater, pelo que decidi basear-me nos conhecimentos adquiridos na primeira vida para me manter vivo. Na minha terceira vida alistei-me na Royal Air Force como mecânico e corria para o abrigo mais depressa do que qualquer um dos meus colegas quando as sirenes começavam a tocar, até que Hitler começou a bombardear Londres e eu soube que podia relaxar. Era um bom lugar onde estar nos primeiros anos da guerra. Os homens que morriam faziam-no no ar, longe da vista e do pensamento. Os pilotos não conviviam propriamente com os mecânicos, e achei muito mais fácil dedicar os meus cuidados apenas ao avião e considerar o homem que o pilotava como mais uma das suas partes mecânicas, ignorável e esquecível. Depois vieram os americanos, e começámos a bombardear a Alemanha, e muitos mais morreram no ar. Continuei a precisar de lamentar apenas a perda das máquinas, mas muitos deles começaram a regressar, desfeitos por estilhaços, e o seu sangue no chão era tão espesso que podia fixar as pegadas de quem o tinha pisado. Pensei no que podia fazer de diferente daquilo, com o meu conhecimento do que se aproximava, e cheguei à conclusão que pouco ou nada poderia fazer. Sabia que os Aliados ganhariam, mas nunca tinha estudado a fundo a Segunda Guerra Mundial. O meu conhecimento era meramente pessoal, como algo vivido e não como informação que pudesse ser partilhada. O máximo que pude fazer foi avisar um homem na Escócia, chamado Valkeith, para que ficasse no barco um par de minutos mais quando chegássemos à Normandia, ou sussurrar ao soldado Kenah que estaria um tanque na vila de Gennimont que tinha virado à direita em vez de à esquerda, e que agora estava parado entre a padaria e a igreja, à espera de o matar. Mas não possuía qualquer tipo de informação estratégica para transmitir, nenhum conhecimento ou aprendizagem para além do facto de que a Citroën iria fazer carros elegantes mas pouco fiáveis e que um dia as pessoas iriam recordar a divisão da Europa e perguntar-se como teria sido aquilo possível.

Tendo pensado na minha posição desta forma tão eloquente, continuei, mais uma vez, a ter uma guerra absolutamente medíocre. Oleei o trem de aterragem dos aviões que destruíram Dresden; ouvi rumores de

que os cientistas e outros crânios estavam a tentar criar um motor a jacto e que os engenheiros tinham achado a ideia ridícula; estive à escuta do momento em que os motores das V-1 paravam, e, por um breve período, do silêncio das V-2 que tinham já caído, e quando o dia da vitória na Europa chegou, apanhei uma brutal bebedeira de *brandy*, bebida de que não gosto particularmente, com um canadiano e dois galeses que tinha conhecido dois dias antes e que não voltei a ver.

E aprendi. Desta vez, aprendi. Aprendi sobre motores e máquinas, sobre homens e estratégias, sobre a RAF e a Luftwaffe. Estudei o padrão das bombas, observei o local do impacto delas para que, da próxima vez — e sabia, com sessenta por cento de certeza, que haveria uma próxima vez, com tudo aquilo de novo —, eu pudesse ter algo mais útil a tirar para mim, e, potencialmente, para outros, do que umas poucas recordações pessoais sobre a qualidade do presunto enlatado francês.

Acontece que o mesmo conhecimento que me protegeu durante a guerra iria, mais tarde, pôr-me em grande perigo e, indirectamente, introduzir-me ao Clube Cronus e este a mim.

E

Chamava-se Franklin Phearson.

Foi o segundo espião que conheci, e estava sedento de conhecimento.

Encontrei-o durante a minha quarta vida, em 1968.

Trabalhava como médico em Glasgow, e a minha mulher tinha acabado de me deixar. Tinha cinquenta anos e o coração despedaçado. Ela chamava-se Jenny e eu amava-a e contava-lhe tudo. Era cirurgiã, uma das primeiras naquele hospital. Eu era neurologista, com uma reputação de investigador pouco ortodoxo e, por vezes, pouco ético, ainda que sempre dentro da lei. Ela acreditava em Deus. Eu não. Poderia contar muito sobre a minha terceira vida, mas por agora quero apenas afirmar que a minha terceira morte, sozinho num hospital japonês, me tinha convencido da verdade do nada. Tinha vivido e tinha morrido, e nem Alá, nem Jeová, nem Krishna, nem Buda, nem os espíritos dos meus antepassados tinham descido dos céus para arrancar o medo de mim. Em vez disso, voltara a nascer exactamente onde tinha nascido sempre, na neve, em Inglaterra, no passado onde tudo começara.

A minha perda da fé não veio como uma revelação nem foi intensamente perturbante. Foi antes um prolongado crescimento da resignação, que os eventos da minha vida se tinham limitado a reforçar, até que fui forçado a concluir que quaisquer conversas que pudesse ter com uma divindade careceriam de um interlocutor. A minha morte e o consequente renascimento no momento em que começara a minha vida puseram um fim à discussão com uma pesada inevitabilidade, e vi tudo aquilo com o afastamento e a desilusão de um cientista cuja experiência falhara.

Tinha passado toda uma vida a rezar por um milagre, e nenhum acontecera. E agora olhava para a capela abafada dos meus

antepassados e via apenas vaidade e ganância, ouvia o chamamento para a oração e pensava no poder, sentia o odor do incenso e espantava-me com o desperdício que tudo aquilo representava.

Na minha quarta vida afastei-me de Deus e procurei a explicação na ciência. Estudei como nunca ninguém antes o fizera — Física, Biologia, Filosofia — e lutei com tudo o que tinha e sabia para conseguir ser o aluno mais pobre da universidade de Edimburgo, onde fui o melhor do meu curso de Medicina. Jenny sentiu-se atraída pela minha ambição, e eu pela dela, pois muitos ignorantes tinham rido na primeira vez em que ela pegou num bisturi, até que viram a precisão dos seus cortes e a confiança com que manejava a lâmina. Tínhamos vivido dez anos juntos, numa situação de “pecado” já algo antiquado por então mas que nunca deixou de nos ser apontado, até que casámos em 1963, na onda de alívio que se seguiu à crise dos mísseis em Cuba. E tinha chovido, e ela tinha rido e dito que ambos o merecíamos, e eu tinha estado apaixonado por ela.

Tão apaixonado que, certa noite, por nenhuma razão em especial e sem pensar muito no assunto, lhe contei tudo.

— Chamo-me Harry August — disse-lhe. — O meu pai chama-se Rory Edmond, a minha mãe morreu a dar à luz. Esta é a minha quarta vida. Vivi e morri muitas vezes antes, mas é sempre a mesma vida.

Ela deu-me um soco afectuoso no peito e disse-me para deixar de ser parvo.

— Daqui a umas semanas vai dar-se um escândalo que vai acabar com a presidência do Nixon. A pena de morte vai ser abolida em Inglaterra e os terroristas do Setembro Negro vão abrir fogo no aeroporto de Atenas.

— Olha que tens mesmo jeito para apresentar as notícias na televisão — disse ela.

Três semanas mais tarde, no outro lado do oceano, deu-se o caso Watergate. Começou quase sem se fazer notar, com o despedimento de algumas figuras menores. Quando a pena de morte tinha sido já abolida, o presidente Nixon estava em frente a uma comissão do Congresso e quando os terroristas do Setembro Negro metralharam passageiros no aeroporto de Atenas, era já óbvio que Nixon estava de saída.

Jenny estava sentada na berma da cama, de ombros caídos e cabeça baixa. Eu esperei, uma expectativa que tinha levado quatro vidas até

chegar àquele ponto. Ela tinha costas ossudas e uma barriga morna, o cabelo bem curto, propositadamente para contrariar os preconceitos dos seus colegas cirurgiões, e um rosto suave que adorava rir quando ninguém estava por perto.

— Como é que sabias... tudo isto? — disse ela. — Como sabias que ia acontecer?

— Eu disse-te. Esta é a quarta vez que assisto a estes acontecimentos, e tenho uma excelente memória.

— Que queres dizer com “quarta vez”? Como é possível isso da “quarta vez”?

— Não sei. Tornei-me num médico para tentar descobrir. Experimentei em mim mesmo, estudei o meu sangue, o meu corpo, o meu cérebro, tentei ver se havia algo em mim que... não estivesse certo. Mas estava enganado. Não se trata de um problema médico, ou então, se há realmente um problema, ainda não sei qual a solução. Pensei em abandonar esta profissão e tentar outra coisa, mas conheci-te. Tenho a eternidade pela frente, mas agora quero-te a ti.

— Quantos anos tens?

— Cinquenta e quatro. Duzentos e seis.

— Não... não consigo acreditar no que estás a dizer. Não consigo acreditar que acredites nas tuas próprias palavras.

— Desculpa.

— És um espião?

— Não.

— Estás doente?

— Não, pelo menos segundo o que sei do que é estar doente.

— Então porquê?

— Porquê o quê?

— Porque dizes essas coisas?

— É a verdade. Quero dizer-te a verdade.

Chegou-se a mim na cama, pegou-me nas mãos, levou-as ao meu rosto e olhou-me directamente nos olhos.

— Harry — disse, com medo na voz — preciso que me digas: estás a falar a sério?

— Sim — respondi, e quase me senti aberto ao meio com a intensidade do alívio. — Sim, estou.

Deixou-me nessa noite, pondo um casaco por cima da camisa de

noite e enfiando um par de botas. Foi passar a noite a casa da mãe, que vivia em Northferry, perto de Dundee, e deixou-me uma nota escrita em cima da mesa em que dizia que precisava de algum tempo. Dei-lhe um dia e então liguei-lhe. A mãe dela disse-me para a deixar em paz. Dei-lhe outro dia e voltei a ligar, pedindo que Jenny me ligasse de volta. Ao terceiro dia, o telefone delas não dava sinal. Jenny tinha levado o carro, por isso apanhei um comboio para Dundee e um táxi no resto do caminho. O tempo estava belíssimo, via-se o mar perfeitamente calmo na costa e o Sol, já baixo e de uma cor rosada, parecia demasiado encantado com tudo aquilo para querer desaparecer no horizonte. A casa da mãe de Jenny, situada junto à orla de uma falésia de carvão, era branca e diminuta, com uma portinha do tamanho de uma criança. Quando bati, a mãe, uma mulher perfeitamente adaptada àquela porta incrivelmente baixa, respondeu e manteve-a aberta com a corrente de segurança.

— Ela não pode vê-lo — disse abruptamente. — Desculpe, mas tem de se ir embora.

— Preciso de a ver — implorei. — Preciso de ver a minha mulher!

— É melhor ir-se embora, doutor August. Tenho pena de ser assim, mas é óbvio que precisa de ajuda.

Fechou a porta com brusquidão, e ouviu-se o som metálico do trinco do outro lado da fremente madeira branca. Fiquei ali a bater à porta, depois às janelas, encostando o meu rosto contra o vidro. Tinham apagado as luzes dentro da casa para me impedirem de ver onde estavam, ou talvez na esperança de que acabasse por me cansar e me fosse embora. O Sol pôs-se e eu sentei-me no alpendre a chorar e a chamar por Jenny, a implorar-lhe que falasse comigo, até que a mãe dela ligou para a polícia e foram eles a falar comigo. Puseram-me numa cela com um homem que tinha sido preso por assalto. Riu-se de mim e eu comecei a esganá-lo até quase o matar. Então puseram-me numa cela solitária e deixaram-me ali durante um dia, até que um médico veio ver-me e perguntou-me como estava. Auscultou-me o peito, e, com a voz mais calma que consegui, disse-lhe que aquilo me parecia ser uma forma pouco racional de diagnosticar uma doença mental.

— Acha que sofre de uma doença mental? — disse ele de imediato.

— Não — respondi sem hesitar. — Sei é reconhecer um mau médico.

Devem ter despachado a papelada porque no dia seguinte fui

enviado para o hospício. Ri-me quando o vi. Por cima da porta lia-se “Hospício de St. Margot”. Alguém tinha apagado “dos Infelizes”, deixando ali um horrível hiato. Era o mesmo hospital de onde me tinha atirado do terceiro andar quando tinha sete anos.

Na década de 1990, os profissionais de saúde mental eram já obrigados a procurar aconselhamento e observação para manterem o seu bem-estar emocional e mental. Tentei ser psicólogo uma vez, mas achei os problemas que tinha de diagnosticar ou demasiado perturbantes ou demasiado subjectivos para apreciação clínica, e as ferramentas à minha disposição infantis ou sobrevalorizadas. Em suma, não tinha o temperamento indicado para aquilo, e, quando fui internado em St. Margot pela segunda vez na minha existência, ainda que fosse a primeira nessa vida, senti um misto de fúria e orgulho no facto de que a minha sanidade, cultivada apesar de cruéis provocações, pudesse ser tão incompreendida pelos ignorantes mortais à minha volta.

Os profissionais de saúde mental dos anos 60 fazem os seus colegas dos anos 90 parecerem Mozarts a espezinharem o trabalho medíocre de Salieris. Creio poder considerar-me sortudo por algumas das técnicas mais experimentais dessa década não terem ainda chegado à zona da Northumbria. Não fui sujeito a testes de LSD ou Ecstasy nem convidado a falar sobre a minha sexualidade, pois o nosso único psiquiatra, o doutor Abel, considerava Freud anti-higiénico. A primeira a descobrir isto foi Twitch, uma desafortunada cujo nome verdadeiro era Lucy, e cuja síndrome de Tourette foi tratada com uma mistura de apatia e brutalidade. Se os nossos carcereiros tinham alguma noção de terapia para quebrar o hábito, ela resumia-se, no caso de Lucy, a baterem-lhe na cabeça com a palma da mão sempre que ela se contorcia ou gemia, e se ela respondesse com gritos — o que frequentemente acontecia quando era provocada —, dois deles sentavam-se em cima dela, um sobre as pernas e o outro sobre o peito, até ela quase desmaiar. Na única vez em que tentei intervir, recebi o mesmo tratamento e fiquei preso ao chão debaixo de Bill Feioso, o outrora prisioneiro e enfermeiro-chefe do turno do dia, perante a ruidosa aprovação de Clara Watkins e de Newbie, que

trabalhavam ali já há seis meses sem nunca o terem chamado pelo nome. Newbie ficou em cima dos meus pulsos, mais para mostrar serviço do que por outra coisa, enquanto Bill Feioso me dizia que eu estava a ser atrevido e a perturbar a calma, e que lá por pensar que era médico não queria dizer que eu soubesse alguma coisa. Chorei de impotência e frustração, e ele esbofeteou-me, o que me provocou ira, e, com esta, tentei controlar as lágrimas, convertendo a autocomiseração em fúria, mas não fui capaz.

— Pénis! — gritou Twitch, na nossa sessão de grupo semanal.

O doutor Abel, com o seu minúsculo bigode a tremer como um ratiño assustado em cima do lábio, fechou a caneta com um clique.

— Então, Lucy...

— Vá, dá-mo, dá-mo, dá-mo, vá, vá! — gritou ela.

Observei as faces do doutor Abel a corarem progressivamente. Estavam de uma luminescência fascinante, quase visível capilar a capilar, e por momentos perguntei-me se o alastrar daquele rubor representava a velocidade da sua circulação sanguínea sob a derme superficial, sendo que, se assim fosse, ele deveria pensar seriamente em fazer mais exercício e uma boa massagem. O seu bigode tinha deixado de estar na moda no dia em que Hitler invadiu a Checoslováquia, e a única coisa remotamente sensata que alguma vez o ouvi dizer foi: “Doutor August, não há maior isolamento para um homem do que o que ele sente no meio de uma multidão. Pode acenar com a cabeça, sorrir e dizer as coisas certas, mas esse fingimento faz com que ele se afaste ainda mais da comunhão com os homens.”

Perguntei-lhe de que bolinho da sorte chinês ele tinha tirado essa frase, e ele, com um olhar aturdido, perguntou-me o que eram os bolinhos da sorte e se se podiam fazer com gengibre.

— Dá-mo, dá-mo! — gritou Twitch.

— Isto é contraproducente — disse ele com voz trémula, ao que Lucy levantou a bata, mostrando as enormes cuecas, e começou a dançar, fazendo com que Simon, que estava nesse momento na pior fase da sua doença bipolar, começasse a chorar, o que por sua vez fez com que Margaret começasse a balançar-se para a frente e para trás, o que provocou a entrada abrupta de Bill Feioso na sala, de pau numa mão e camisa de força na outra, enquanto o doutor Abel, com as pontas das orelhas incandescentes como luzes de travões, saía sorrateiramente.

Uma vez por mês éramos autorizados a receber visitas, mas ninguém vinha.

Simon dizia que era melhor assim, que não queria que o vissem daquela maneira, que sentia vergonha.

Margaret gritava e arranhava as paredes até sangrar das unhas, e tinha de ser levada para o seu quarto e sedada.

Lucy, a babar-se toda, dizia que não éramos nós quem devia envergonhar-se, mas eles. Não dizia quem eram “eles”, e não precisava, porque tinha toda a razão.

Dois meses depois, eu estava pronto para sair.

— Agora vejo que sofri de um esgotamento nervoso — expliquei calmamente ao doutor Abel, que estava sentado no outro lado da mesa do seu escritório. — É óbvio que preciso de aconselhamento, mas posso apenas expressar-lhe o meu mais profundo e pessoal agradecimento por me ter ajudado a resolver este problema.

— Doutor August — retorquiu ele, alinhando a caneta com a aresta superior do seu caderno de apontamentos — creio que sofreu bem mais do que um simples esgotamento. Tratou-se de um verdadeiro episódio alucinatório, indicador, na minha opinião, de problemas psicológicos mais complexos.

Olhei para o doutor Abel como se fosse a primeira vez e perguntei-me qual seria a medida de sucesso para ele. Não propriamente uma cura, concluí, desde que o tratamento fosse interessante.

— Que sugere? — perguntei.

— Gostava de o manter aqui mais algum tempo — respondeu. — Acabaram de ser lançados novos medicamentos que, creio, podem ser precisamente aquilo de que necessita...

— Medicamentos?

— Fizeram-se algumas experiências muito prometedoras com fenotiazina...

— Isso é um veneno de insectos.

— Não... não, doutor August. Entendo a sua preocupação como médico, mas asseguro-lhe que quando falo em fenotiazinas estou a referir-me aos seus derivados...

— Creio que gostaria de uma segunda opinião, doutor Abel.

Ele hesitou, e vi uma faísca de orgulho que poderia começar um conflito.

— Sou um psiquiatra totalmente qualificado, doutor August.

— Então, como psiquiatra totalmente qualificado, sabe como é importante ter a confiança do paciente em qualquer processo de cura.

— Sim — admitiu a contragosto. — Mas sou o único médico qualificado nesta enfermaria...

— Não é verdade. Eu sou qualificado.

— Doutor August, o senhor está doente — disse ele com um sorriso cintilante. — Não está em condições de exercer medicina, muito menos em si mesmo.

— Quero que ligue para a minha mulher — respondi com firmeza. — Ela tem, por lei, uma palavra a dizer sobre o que o doutor me faz. Recuso tomar fenotiazinas, e se decidir forçar-me a tomá-las, terá de ser com a autorização de um familiar próximo. Ela é o familiar mais próximo que tenho.

— Pelo que sei, doutor August, ela é parcialmente responsável pela sugestão do seu internamento e tratamento.

— Ela sabe distinguir entre boa e má medicina — corriji-o. — Ligue-lhe.

— Vou pensar nisso.

— Não pense, doutor Abel — retorqui. — Faça-o.

Até hoje não sei se ele chegou a ligar-lhe.

Pessoalmente, tenho as minhas dúvidas.

Quando me deram a primeira dose da droga, tentaram fazê-lo discretamente. Enviaram Clara Watkins, de ar tão inocente e que tirava um tão grande e malicioso prazer do seu trabalho, com um tabuleiro na mão onde estavam os comprimidos do costume — nos quais peguei — e uma seringa.

— Então, Harry... — censurou-me ela quando viu a minha expressão. — Isto faz-te bem.

— O que é isso? — perguntei, já desconfiado.

— É o teu remédio! — respondeu ela numa voz canora. — E tu adoras tomar o teu remédio, não é?

Bill Feioso estava ao fundo do quarto, com o olhar fixado em mim. A sua presença confirmava as minhas suspeitas: estava já pronto para desferir o golpe.

— Exijo ver um documento legal de consentimento, assinado pelo meu familiar mais próximo — disse eu.

— Está bem, está — disse ela, agarrando na minha manga antes de eu a puxar.

— Exijo ser representado por um advogado!

— Isto não é uma prisão, Harry! — respondeu ela com vivacidade, arqueando as sobrancelhas e olhando para Bill. — Não há advogados aqui.

— Tenho direito a uma segunda opinião!

— O doutor Abel está apenas a fazer o melhor para ti. Para quê ser tão complicado? Então, Harry...

Ao ouvir estas palavras, Bill Feioso agarrou-me por trás e, não pela primeira vez, perguntei-me por que razão, em mais de duzentos anos, nunca tinha aprendido uma arte marcial. Ele era um ex-condenado que descobrira que ser enfermeiro num hospício era como a prisão, mas melhor ainda. Fazia musculação no jardim privado do hospício, uma hora por dia, e tomava esteróides, o que fazia com que estivesse sempre a suar da testa e, suspeito, com que os seus testículos tivessem encolhido, o que ele compensava com mais exercício e, claro, mais esteróides. Fosse qual fosse o estado das suas gónadas, contudo, os seus braços eram mais grossos do que as minhas coxas e envolviam-me agora com suficiente força para me levantar da cadeira e deixar-me ali aos pontapés no ar.

— Não! — implorei. — Por favor, não façam isto...

Clara aplicou umas palmadas na pele do interior do meu cotovelo para fazer com que o sangue afluísse à superfície e, de seguida, enganou-se totalmente no local da veia. Dei uns pontapés e Bill Feioso apertou-me ainda mais, o que fez com que começasse a sentir os olhos invadidos por calor e o cérebro cheio de lâ. Senti a agulha a entrar mas não a sair, e a seguir deitaram-me no chão,

— Não seas parvo, Harry! Porque é que tens de ser sempre tão parvo com coisas que te fazem bem?

Deixaram-me ali, sentado sobre os meus joelhos, à espera dos efeitos da droga. A minha mente corria a mil à hora enquanto eu procurava pensar num antídoto químico de fácil acesso para o veneno que nesse momento percorria o meu sistema, mas eu tinha sido médico apenas durante uma vida e ainda não tivera tempo de investigar estas drogas modernas. Arrastei-me pelo chão em direcção ao jarro com água e bebi-a de

um gole, depois deitei-me de costas no meio do quarto e tentei abrandar a respiração e o pulso, numa tentativa fútil de limitar a circulação da droga. Ocorreu-me que devia tentar monitorizar os meus sintomas, pelo que mudei a minha posição para poder ver o relógio de parede e anotar o tempo. Aos dez minutos, senti tonturas, mas passaram. Aos quinze minutos apercebi-me de que os meus pés estavam no outro lado do mundo, que alguém me tinha serrado ao meio mas deixara os nervos intactos, ainda que os ossos estivessem todos partidos, e agora os meus pés pertenciam a outra pessoa. Sabia que isso era impossível, e contudo processei o facto de que, aparentemente, era possível, com uma resignação que não se atrevia a combater a simples verdade da minha situação.

Twitch apareceu e ficou a olhar para mim.

— O quê qu'estás a fazer?

Não julguei que ela precisasse de uma resposta, pelo que não dei nenhuma.

Tinha saliva a escorrer-me por um dos lados do rosto. A sensação até era agradável, a frescura do cuspo sobre a caldeira da minha pele.

— Que 'tás a fazer, que 'tás a fazer, que 'tás a fazer? — guinchou ela, e perguntei-me se em Northumbria já tinham ouvido falar em agonistas adrenérgicos, ou se estariam ainda por criar.

Ela abanou-me e depois foi-se embora, mas tinha deixado qualquer coisa atrás dela porque eu continuava a tremer, com a cabeça a bater no chão, e sabia que me tinha urinado, mas isso também era agradável, interessante e diferente como a saliva, com uma temperatura igual à do meu corpo, até que começou a secar e a arder-me, mas isso tinha já sido há muito tempo e depois Bill Feioso apareceu e o rosto dele tinha sido destruído. Tinha sido esborrachado contra o tecto por cima de mim, como se fosse um tomate maduro, e o crânio fora empurrado para dentro, e apenas restavam um nariz, dois olhos e uma boca de aspecto lúbrico no meio dos destroços de sangue e fluido cerebral, e enquanto ele se debruçava sobre mim pingavam bocados do seu cerebelo pelas suas faces abaixo até aos cantos da boca e formavam uma lágrima de matéria cinza e rosada que se susteve do seu lábio inferior até cair, como creme de maçã da colher de um bebé, mesmo em cima do meu rosto, e eu gritei e gritei e gritei até que ele me estrangulou e eu deixei de gritar.

Como é óbvio, por essa altura eu tinha perdido a noção do tempo, pelo que os objectivos diagnósticos do exercício eram já irrelevantes.